

Universidades Lusíada

Simões, João Carlos Marques, 2000-

**Recensão : "A queda do Ocidente? : uma
provocação" de Kishore Mahbubani**

<http://hdl.handle.net/11067/7728>

<https://doi.org/10.34628/YZRP-A954>

Metadata

Issue Date	2024
Publisher	Universidade Lusíada Editora
Keywords	Mahbubani, Kishore, 1948- - Crítica e interpretação, Política internacional - Século 21, Civilidade ocidental
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FCHS] LPIS, n. 29 (2024)

This page was automatically generated in 2025-04-18T17:22:17Z with information provided by the Repository

A QUEDA DO OCIDENTE? UMA PROVOCAÇÃO.

LISBOA: BERTRAND

MAHBUBANI, KISHORE. 2018

João Carlos Marques Simões

Centro de Estudos Jurídicos, Económicos, Internacionais e Ambientais

joaosimoes3939@gmail.com

ORCID: [0000-0002-7859-4668](https://orcid.org/0000-0002-7859-4668)

DOI: <https://doi.org/10.34628/YZRP-A954>

Data de submissão / Submission date: 12.07.2024

Data de aprovação / Acceptance date: 13.10.2024

Em 2018, Kishore Mahbubani¹ publicou a sua obra *“Has the West Lost It? A Provocation”*.² Um livro particularmente provocante, cuja premissa central é a de que o mundo ocidental deixou de ter os meios e, acima de tudo, a capacidade de impor o seu *modus vivendi* ao resto do planeta. Principalmente, considera que em larga medida, o Ocidente, deve deixar de se projetar como grande bloco interventor no domínio político-militar e, conseqüentemente, abster-se de se ingerir nos assuntos das demais nações. No essencial, o autor defende que a hegemonia global ocidental está a chegar ao seu fim, confrontando-se com uma nova ordem caracterizada pela ascensão de potências como a Índia e a China e, focando-se na forma como o Ocidente irá reagir ao seu novo estatuto.

A obra de Mahbubani traz-nos uma reflexão e constitui um retrato de um Sistema Internacional bastante diferente daquele que hoje observamos. Desde logo, constitui um retrato do momento político de transição Obama-Trump. Por outro lado, retrata também uma sociedade internacional que antecede diversos importantes acontecimentos que contribuíram para modificar a conjuntura internacional da década de 2020, desde logo uma sociedade que antecede a saída formal do Reino Unido da União Europeia, a pandemia de Covid19, a guerra russo-ucraniana, a guerra Israelo-Palestiniana, a difusão global da inteligência artificial, entre outros acontecimentos.

Por isso mesmo, a leitura de *“A queda do Ocidente? Uma provocação”* deve ser uma leitura cuidada e consciente do momento histórico e da conjuntura internacional em que foi elaborada. Con-

¹ Kishore Mahbubani é um diplomata e professor Universitário de Singapura, tendo servido como Representante Permanente nas Nações Unidas ente 1984 e 1989 e entre 1998 e 2004, e tendo presidido o Conselho de Segurança das Nações Unidas entre 2001 e 2002. Tem sido docente em diversas universidades, entre as quais se destaca a Lee Kuan Yew School of Public Policy da Universidade Nacional de Singapura. É também autor de diversos livros e artigos científicos.

² Traduzido como *“A queda do Ocidente? Uma provocação”*.

sequentemente, apesar de alguns dos argumentos de Mahbubani poderem hoje ser alvo de maiores críticas, não devemos deixar de refletir sobre o que nos diz o autor e, muito menos deixar de refletir sobre o rumo que o Ocidente segue.

É importante levar em consideração que, ainda que o autor considere que o Ocidente perdeu a sua capacidade de imposição ideológica, no fundo, o seu estatuto de dominação global, não deve, no entanto, deixar-se relegar para um segundo ou terceiro plano, nem se deixar ultrapassar silenciosamente por outros atores como a China ou a Índia.

Antes, recomenda, que se o Ocidente não quer perder o seu estatuto, deve procurar reconhecer as alterações dinâmicas da ordem internacional, bem como deve reconhecer as alterações do seu estatuto. Consequentemente deve adotar uma posição de ator persuasor ao invés da de um ator dominador.

Trata-se de uma visão segundo a qual, a difusão diplomática em fóruns multilaterais, de construções sociais ocidentais como os valores de democracia, contribuem para a atratividade global do Ocidente e, para a manutenção da sua relevância geopolítica. No fundamental, trata-se da recomendação da adoção de uma nova postura internacional caracterizada por um minimalismo, pelo multilateralismo e pelo maquiavelismo.

Em grande medida, Mahbubani vai de encontro à tese da morte intelectual ocidental, defendendo que *“as elites ocidentais, que continuam a ser as elites mais influentes do planeta, acreditam que compreendem o mundo melhor do que todos os outros (...) No entanto, geram agora desconfiança nas massas, que sentem nas suas vidas quotidianas o surgimento de um novo mundo que as elites fingem ser real ou preferem ignorar”* (Mahbubani, 2018, p.39).

Sobre esta hubris, esta sensação de triunfalismo ocidental construído no pós-Guerra Fria, o autor considera que não só são poucas as mentes ocidentais que parecem estar conscientes das alterações que têm ocorrido no Sistema Internacional, como parecem estar pouco interessadas nessas mesmas alterações.

As elites ocidentais necessitam de proceder a uma profunda autorreflexão, determinarem quem são e o que representam, quais

os objetivos que querem alcançar e que caminhos devem prosseguir. Apenas assim, poderá o Ocidente permanecer seguro e próspero. Como escreveu George Orwell “ver aquilo que temos diante do nariz requer uma luta constante”.

É neste sentido que o autor sustenta a sua ideia de um eminente “colapso” do Ocidente com base numa “cegueira causada pelo orgulho” e que se manifesta em diversos fatores políticos, sociais e históricos que representam erros estratégicos, desde humilhação russa no fim da Guerra Fria e a ascensão de Putin, a invasão do Iraque no pós-11 de Setembro, a questão das baixas e excessos demográficos, as expectativas de emprego e vida, entre outros fatores.

O debate sobre o colapso da ordem ocidental tem já recebido considerável atenção no meio académico. A esta situação, Fareed Zakaria designa como “a ascensão do resto” (Zakaria, 2009), por sua vez, Amitav Acharya caracteriza esta modificação da ordem internacional como a emergência de um “*multiplex world*” (Acharya, 2014).

Mahbubani considera que o domínio das potências ocidentais é um fenómeno relativamente recente. Até ao século XIX as principais economias mundiais estavam na Ásia (Índia e China) e hoje estas potências estão paulatinamente a recuperar o seu estatuto.

O desenvolvimento económico das principais economias asiáticas, como refere Mahbubani, parece dar-se em contraponto ao desenvolvimento no Ocidente onde as perspetivas de progressão salarial e a nível de carreira têm vindo a estagnar.

O autor reflete ainda sobre os desafios demográficos internacionais, contraponto os excessos populacionais aos invernos demográficos. O Ocidente está também em crescente minoria numérica. Os desafios demográficos, quer a nível do inverno populacional ocidental, quer a nível os excessos demográficos nos países do Sul Global e, particularmente em África, contribuem não só para um desequilíbrio na balança populacional global, como contribuem também para o desequilíbrio do poder na ordem internacional.

Também fatores como a crise económica de 2008, a incapacidade europeia da gestão da crise de refugiados desde 2015, o Brexit e a eleição de Trump com a promoção de uns EUA mais isolacionis-

tas, contribuiriam para acelerar o processo de retração da influência ocidental no mundo.

Da mesma forma, a saída desorganizada do Afeganistão, a invasão russa da Ucrânia e a dualidade de princípios no que diz respeito à comparação entre a postura ocidental face a este conflito e ao conflito entre Israel, a Palestina e os proxys iranianos, têm contribuído para fomentar questões sobre o que é o Ocidente e o que este representa.

Adicionalmente, e em paralelo à ordem internacional neoliberal ocidental tem vindo a ser construída uma ordem concorrente promovida pela China e outros países do Sul Global através dos BRICS+. Vários países tendencialmente não alinhados, ou mesmo da esfera da influencia ocidental têm vindo a deslocar-se para a influência dos BRICS.

Esta perda de influência no Sul Global é particularmente visível em África, onde as potências tradicionais como os EUA e a França têm vindo a ser substituídos por outras potências como a China, a Rússia, a Índia, o Japão e a Coreia, entre outras. Com efeito, esta perda de influência verifica-se não só no que diz respeito à adesão ao Consenso de Pequim ou a um possível Consenso de Ancara em substituição ao Consenso de Washington, como se manifesta também na participação destes países em fóruns multilaterais onde têm progressivamente passado a votar ao lado da China e da Rússia.

Ainda sobre esta questão, não podemos deixar de levar em consideração o tipo de abordagem promovida, por um lado pelo Ocidente e em particular pelos EUA, e por outro lado, a abordagem promovida especificamente pela China, a Rússia e mesmo pela Turquia. Enquanto que o primeiro grupo adota uma postura moralmente rígida e, condiciona a sua participação no desenvolvimento internacional à adesão dos restantes Estados a um padrão moral e de comportamento eminentemente ocidental, o mesmo não se pode dizer sobre a abordagem chinesa ou russa, desprovidas genericamente da imposição de padrões morais ou de comportamento da condução da política. Por isso mesmo, o Consenso de Pequim torna-se muito mais apelativo a países com democracias menos bem consolidadas e junto de líderes que procuram perpetuar-se no poder.

Importa ainda identificar, não obstante a qualidade da obra, um conjunto de questões que o autor parece não clarificar adequadamente. Em primeiro lugar, a expressão “Ocidente” ainda que se perceba o que está em causa, é tratada com uma profunda interpretação monolítica e de extrema homogeneidade, aspeto que contribui para que sejam ignoradas as diferentes geografias que constituem o “Ocidente” e, conseqüentemente sejam também ignoradas as diferenças culturais, políticas e ideológicas que concorrem entre si, inclusive pelo controlo da esfera ocidental.

O Ocidente é mais do que a soma da Europa e da América do Norte. Fazem também parte desta esfera Estados como o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália, a Nova Zelândia e até certo nível Israel. E, na realidade, em grande medida os interesses destes Estados são frequentemente concorrentes, inclusive, os interesses dos EUA e dos Estados europeus deixaram em diversas questões de ser convergentes. Pelo que as partes deveriam procurar autonomizar as suas agendas e defender os seus interesses específicos.

Em segundo lugar, o autor parece ignorar a tendência para a primazia do realismo na condução da política internacional quando recomenda que o Ocidente, concretamente os EUA devem adotar uma postura minimalista e multilateral na condução da sua agenda e, devem ceder a sua posição hegemónica sem um elevado grau de contestação. Na realidade, como refere Mehdi (2020, p.392), *“a política é antes um desejo de poder, o reino do egoísmo, da violência e da reinvidência. Os Estados só dão prioridade ao interesse próprio e à sobrevivência num sistema internacional anárquico. Cooperam com outros Estados e ajudam na construção de instituições para preservar os seus interesses”*.

Uma terceira e última crítica surge relativamente à proposta do autor para reestruturar o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Em 2018, o autor defendia então que o Reino Unido deveria ceder o seu lugar à Índia e a França deveria partilhar o seu lugar com a União Europeia. Esta ideia, que nos parecia já de difícil concretização antes do Brexit, levanta agora ainda mais desafios e parece ainda mais improvável. Em primeiro lugar, porque tenho saído da União Europeia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas ganha ainda um maior relevo na política externa britânica enquan-

to instrumento de projeção internacional e de manutenção da sua relevância no palco internacional. Em segundo lugar, mesmo que o Reino Unido aceitasse ceder o seu lugar à Índia, seria necessário obter o consenso entre todos os membros permanentes do Conselho. Um consenso que a China tem vindo a bloquear.

No que diz respeito à integração da União Europeia no Conselho de Segurança da ONU, devemos desde logo destacar que em termos legais tal seria impossível, já que apenas Estados individuais podem ocupar lugares no Conselho. Por outro lado, devemos ainda levar aqui em consideração o impacto que a substituição ou partilha do lugar francês no Conselho de Segurança teria a nível dos interesses nacionais franceses enquanto único representante atual da União Europeia no Conselho de Segurança.

Em suma, a obra de Mahbubani não só deve ser uma leitura obrigatória, como é profundamente provocatória. O autor procurou para além de compreender as causas do declínio ocidental, oferecer recomendações estratégicas para o reajustamento ocidental dentro do Sistema Internacional, as quais devem ser estudadas e discutidas cuidadosamente.

Referências bibliográficas

- Acharya, A. (2014). *The end of American world Order*. John Wiley & Sons.
- Mahbubani, K. (2018). *A queda do ocidente?: Uma provocação*. Bertrand.
- Mehdi, S. E. (2020). Has the West Lost It? A Provocation. *Strategic Analysis*, 44(4), 391–393.
- Zakaria, F. (2009). *The Post-American world: And The Rise Of The Rest*. Penguin.